

## REFLEXÕES SOBRE AS QUALIDADES DE UM BOM GLOSSÁRIO TÉCNICO: LIMITES E LIMITAÇÕES

ANA JULIA PERROTTI-GARCIA

Citrat, Universidade de São Paulo

### Resumo:

O objetivo deste artigo é estabelecer alguns aspectos relacionados às características de um bom glossário técnico, independentemente do campo semântico, do par lingüístico e do número de verbetes contidos.

### Palavras-Chave:

Glossário; Dicionário; Verbetes; Análise de *Corpus*.

### Abstract:

*This paper establishes some of the ideal characteristics of a high-quality glossary, independently of the semantic field, language pair and number of entries.*

### Keywords:

*Glossary; Dictionary; Entry; Corpus Analysis.*

## 1. INTRODUÇÃO

«Colecionar» palavras parece ser uma atividade lúdica e instrutiva, compartilhada pela maioria dos profissionais que trabalham com idiomas, sejam tradutores, intérpretes, jornalistas ou educadores. Frases, expressões, gírias, termos técnicos, exemplos de polissemia ou de expressividade, qualquer item lexical pode ser catalogado, classificado, armazenado e, eventualmente, recuperado em momento oportuno. Seja para uso pessoal ou para uso de terceiros, para futuras publicações ou apenas para a sistematização de informações, um glossário técnico organizado e estruturado de modo lógico e coerente aumenta a velocidade de acesso ao conteúdo e permite a inserção de novas informações, sempre que necessário (Perrotti-Garcia 2003).

A partir de nossa experiência profissional, acumulada ao longo de quase duas décadas de trabalho como dicionarista, glossarista, escritora, tradutora e professora de idiomas, mas, acima de tudo, com a leitura e a utilização de glossários e dicionários, procuramos estabelecer, neste artigo, alguns aspectos relacionados às características de um bom glossário técnico, independentemente da especialidade, do campo semântico enfocado, do par lingüístico e do número de verbetes. Estas reflexões procuram ser abrangentes e universais, de modo que os critérios apresentados possam servir, inclusive, para orientar na escolha e/ou na redação de glossários.

## 2. DEFINIÇÕES BÁSICAS

Um glossário, segundo a definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, do latim, «dicionário de termos técnicos, poéticos, científicos, etc.» é formado por verbetes organizados em ordem alfabética. Os verbetes, ainda segundo a definição deste grande dicionarista brasileiro, são «na organização dum dicionário, glossário ou enciclopédia, conjunto das acepções e exemplos respeitantes a um vocábulo» (Ferreira 1986).

## 3. REFLEXÕES SOBRE A FORMA DOS VERBETES: COMPONENTES BÁSICOS DE UM VERBETE

A primeira grande diferença entre um glossário estruturado e os chamados «glossários» produzidos pelas ferramentas de auxílio à tradução (*Trados*, por exemplo), compostos por listas de palavras e de expressões, com suas respectivas traduções e, em certos casos, algumas observações, é a estruturação do texto (Perrotti-Garcia 2004).

Um glossário elaborado de modo a tornar-se útil e passível de ser publicado, compartilhado ou ampliado, deve ser estruturado. A estruturação ampla, aqui denominada «formatação», nem sempre é responsabilidade do autor, ficando muitas vezes a critério da editora responsável por sua publicação. Contudo, a estruturação dos verbetes é de inteira responsabilidade do autor. Por essa razão, iremos enfocá-la em maior profundidade neste texto.

### 3. 1. Verbetes básicos

A partir da análise de um **verboete básico**, teórico, poderemos depreender quais devam ser as características de um glossário técnico, em termos meramente estruturais. Com base na definição já citada, o verboete padrão deve conter, no mínimo, o vocábulo e sua tradução (abordam-se aqui glossários bilíngües, L1-L2 ou vice-versa, apenas).

Entretanto, para ser útil, elucidativo e funcional, o glossário pode e deve incluir verbetes mais completos. Entre outros, pela análise da definição de verboete apresentada acima, é possível depreender um

primeiro componente importante dos glossários: «exemplos respeitantes a um vocábulo». Serão esses exemplos que irão ilustrar o uso das palavras, sedimentando os conhecimentos do leitor e ajudando-o a memorizar um maior número de informações. Um bom glossário técnico, portanto, deve, por definição, conter exemplos de uso do vocábulo. Por esses exemplos o leitor é apresentado paulatinamente ao *corpus*, podendo assimilar o uso prático do termo, suas relações sintáticas e mórficas (principalmente se os exemplos forem obtidos de material autêntico, não traduzido, originado de fontes fidedignas) (Perrotti-Garcia 2003).

Quando o autor quiser imprimir um caráter enciclopédico ao glossário, enriquecendo seu valor como obra de consulta, poderá acrescentar as definições dos vocábulos (**significado proposicional**). A mera tradução (ou seja, o termo correspondente na língua de chegada), muitas vezes não é suficiente para esclarecer o uso adequado de determinado vocábulo. Há os casos de polissemia, de homofonia e de homografia que devem ser levados em consideração quando da elaboração de um glossário técnico. Devemos sempre considerar que o leitor espera que nós, enquanto dicionaristas, forneçamos a ele todas as informações necessárias sobre um determinado vocábulo, atuando como guias que irão indicar, não apenas os caminhos a serem seguidos, mas também os atalhos aconselháveis e, principalmente, as ruas sombrias a serem evitadas!

Ao considerar que o público-alvo de um glossário será, em parte, composto por estudantes e por leitores para os quais pelo menos uma das duas línguas (quando não as duas) não é sua língua-mãe, muitas vezes o glossarista precisará lançar mão de linguagem não verbal para melhor esclarecer certos termos ou expressões. Incluem-se neste tópico as ilustrações esquemáticas, as fotografias, os gráficos e tabelas e, caso o glossário seja publicado em algum tipo de multimídia (*CD-ROM*, por exemplo), as animações, os filmes e as apresentações de diapositivos. Assim, um bom glossário pode e, muitas vezes, deve apresentar gráficos, ilustrações, esquemas e tabelas que sejam pertinentes ao assunto abordado e que tenham como finalidade o esclarecimento de conceitos que, de outro modo, talvez não ficassem totalmente elucidados. Sempre que a linguagem verbal não for suficiente, cabe ao autor perceber e optar pela inserção de ilustrações. Por outro lado, na qualidade de leitor que pretende comprar um glossário técnico, ou apenas elegê-lo como seu material de consulta em uma biblioteca, é importante observar todos os aspectos citados acima e também os que serão abordados a seguir.

Além de definições, exemplos e **ilustrações**, muitas vezes um glossário bilíngüe pode conter a transcrição fonética dos vocábulos, o que facilitará a aplicação e o reconhecimento dos termos em situações de comunicação oral. Contudo, embora essa transcrição seja muito comum nos grandes dicionários (sendo considerada indispensável nessas obras), não são freqüentes os glossários que apresentam esse tipo de informação.

Pelos aspectos expostos anteriormente, antes de iniciar o processo de sistematização do texto, o autor deve refletir sobre uma série de aspectos pertinentes. Por exemplo: haverá exemplos criados pelo autor? Haverá exemplos retirados do *corpus*? É preciso fazer a transcrição fonética dos vocábulos? Será acrescentada a **classe gramatical** dos vocábulos? Serão necessárias ilustrações? Quantas? Haverá gráficos, tabelas ou reproduções fotográficas? Em caso afirmativo, se não for inédito, o autor

deverá buscar as devidas autorizações para reprodução do material. Haverá algum tipo de código que fornecerá ao leitor informações mais específicas como, por exemplo, relacionadas ao significado expressivo ou evocado do termo?

Essas são apenas algumas das perguntas que devem ser feitas **antes** do início da sistematização de um glossário. Do mesmo modo, enquanto leitor, é conveniente verificar a qualidade dos verbetes antes de adquirir um glossário; caso contrário, será somente durante a utilização da obra que o leitor irá perceber as limitações do texto, quando já será tarde demais.

A FIGURA 1 apresenta um modelo de um verbete que contém um grande número de elementos informativos que auxiliam o leitor a compreender, de modo simples e direto, alguns aspectos relacionados ao vocábulo *bracket*. Embora o verbete tenha sido reproduzido, as setas indicativas foram superpostas, bem como a ilustração colorida.

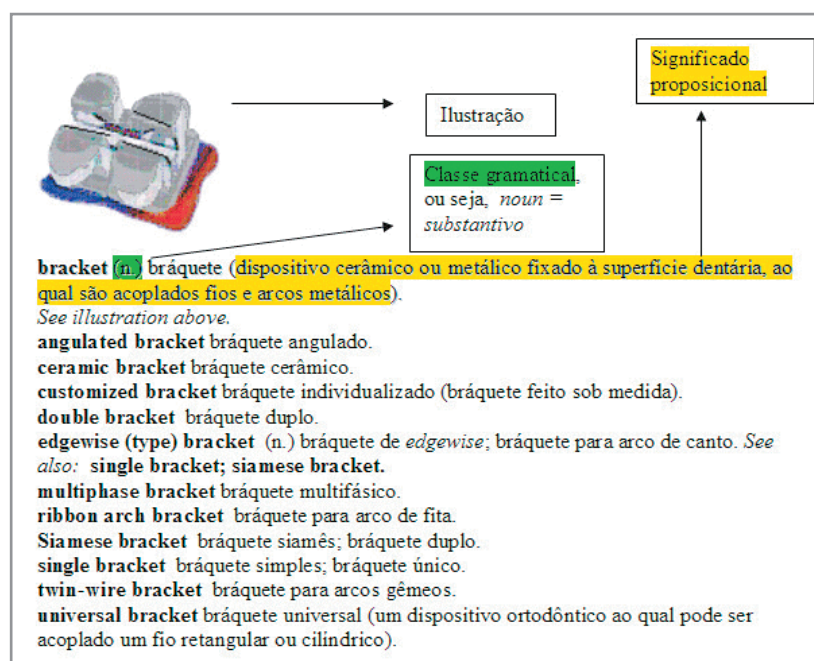


FIGURA 1: Representação esquemática de um verbete básico. (1)

#### 4. REFLEXÕES SOBRE O CONTEÚDO DOS VERBETES

Ao estruturar o verbete, é importante levarmos em consideração os diferentes significados. Podemos distinguir quatro tipos principais de significado nas palavras e enunciações: significado proposicional, significado expressivo, significado pressuposto e significado evocado (Baker 1992, 12-5).

O **significado proposicional** surge da relação entre a palavra e aquilo a que ela se refere ou descreve. Para facilitar a compreensão, vejamos alguns exemplos:

*exogenous* – exógeno (que tem origem externa ao ambiente em questão).  
(Perrotti-Garcia 2003, 204)

*bracket* – bráquete (dispositivo cerâmico ou metálico fixado à superfície dentária, ao qual são acoplados fios e arcos metálicos).  
(Perrotti-Garcia 2003, 86)

Os dois exemplos acima tornam evidente a importância da inclusão do significado proposicional em um glossário. Afinal, não é necessário um grande conhecimento lingüístico para intuir que *exogenous* é traduzido como «exógeno». A informação preciosa, que irá realmente ajudar o leitor é, sem dúvida, a «explicação», a denominada tradução intralingual, ou seja, a inclusão do significado proposicional.

O **significado expressivo** refere-se aos sentimentos ou atitudes do falante, como por exemplo: *sawbones*, que significa «cirurgião» (Perrotti-Garcia 2003, 516), mas que traz consigo uma carga expressiva extremamente negativa, equivalente a do nosso «açougueiro» ou «carniceiro» (quando usados em referência a um cirurgião, e não ao profissional que trabalha com comércio de carne bovina).

O **significado pressuposto** surge de restrições advindas de palavras que esperamos que surjam antes ou depois da palavra em questão. Há dois tipos de restrições: as **restrições seletivas** e as **restrições colocacionais**. As **restrições seletivas** ocorrem em função do significado proposicional. Por exemplo: *muscle attachment* (inserção muscular) (Perrotti-Garcia 2003, 384) ou *precision attachment* (encaixe de precisão) (Perrotti-Garcia 2002, 64). As **restrições colocacionais** são semanticamente arbitrárias. Por exemplo, para «bancada para torno», se diz *lathe bed* (Perrotti-Garcia 2003, 330) em inglês, que seria, literalmente, numa *backtranslation* direta e arbitrária, «cama de torno». Ao criar um glossário técnico, portanto, o autor deverá esclarecer o futuro leitor quanto a essas exigências colocacionais de ambas as línguas (que ele, autor, certamente terá que dominar muito bem!)

O **significado evocado** surge das variações dialetais e de registro (Baker 1992, 15). Um exemplo bem complexo é a chamada «perereca». Em português do Brasil, entre outros sentidos que não vêm ao caso agora, «perereca» é o termo leigo usado para referir-se a uma «prótese parcial removível provisória». Outro termo, também leigo, mas usado em um registro um pouco mais formal, seria «ponte móvel» (Perrotti-Garcia 2002, 47). Certamente poderia haver grandes confusões se, ao criar um glossário, o autor simplesmente indicasse que o termo correspondente para *removable partial denture* é «perereca», ou «ponte móvel», ou mesmo «prótese parcial removível», e não explicasse ao leitor todas essas variações de significado. Do mesmo modo, enquanto leitores, temos a necessidade e o direito de sermos informados pelo autor do glossário sobre essas «armadilhas lingüísticas». Afinal, o glossário técnico deve ser um guia que irá ajudar o leitor a trilhar os caminhos da comunicação e, como tal, deve ser completo, correto e, acima de tudo, confiável.

Em relação às **variantes dialetais**, é importante levar em consideração os seguintes aspectos:

Geográfico (exemplo: **doutorado** [PT-BR] x **doutoramento** [PT-PT])

Temporal (exemplo: **micróbio** x **microorganismo**)

Social (exemplo: **dentadura** x **prótese total** x **chapa**)

## 5. REFLEXÕES ADICIONAIS

### 5. 1. Coesão e coerência

As anotações e listas de palavras coletadas ao longo do tempo são certamente valiosas, mas muitas vezes contêm termos das mais diversas áreas do conhecimento humano. Quando assistimos a um filme sobre a vida de um jogador, coletamos termos sobre esporte; em uma viagem de férias, podemos conseguir termos e expressões sobre turismo; ouvindo nossos *raps* favoritos, é possível coletar dezenas de gírias... mas, como juntar tudo isso?

Essa é, sem dúvida, a parte mais delicada da confecção de um glossário: a delimitação do **campo semântico** e o estabelecimento de um *corpus* que tenha **coesão** e **coerência**. Uma das principais qualidades de um bom glossário técnico (ou, se preferir olhar pelo outro lado do balcão, a maior dificuldade para um glossarista iniciante) é incluir termos que, além de significativos e representativos, sejam coesos e coerentes. É fundamental que haja uma razão de ser para que os termos selecionados estejam ali, lado a lado, e não em um outro lugar. Nessa hora, muitas vezes, o glossarista precisará abrir mão de certos vocábulos em favor de outros, agindo como o jardineiro prestimoso que, no exercício consciente de seu ofício, é obrigado algumas vezes a sacrificar uma rosa para que floresçam outras em posição mais adequada em relação ao sol.

Quando partimos de um *corpus* inicial com numerosos termos, e precisamos escolher apenas os mais significativos, passaremos muito tempo definindo quais serão os critérios para inclusão dos termos. Muitas vezes, teremos que criar também os critérios de exclusão. O que incluir? O que evitar? Essa pode ser a diferença entre criar algo significativo ou desistir no meio do caminho. Este processo, se bem dirigido, poderá levar à produção de um glossário «pequeno e eficiente» e, se feito de modo intempestivo ou negligente, produzir um texto «vazio» ou «redundante e inútil», respectivamente.

### 5. 2. Campos semânticos

Além da **forma**, também é preciso avaliar o **conteúdo** do glossário. Para esta avaliação, algumas definições básicas são importantes. **Campos semânticos** são as divisões e subdivisões de uma língua («assuntos», «áreas de interesse»). **Itens lexicais** são as palavras e expressões que compõem cada um desses campos. Quando o glossário técnico for feito a partir de um manual ou de uma série de textos, é importante ter em mente que deverão ser incluídos apenas os termos **significativos**

e **representativos**. Não é conveniente incluir termos cotidianos, a menos que eles tenham algum significado especial. Por exemplo, um bom glossário dificilmente irá incluir a palavra *table* com o significado de «mesa», a menos que seja um glossário ilustrado para crianças bem pequenas. Usando esse mesmo exemplo de *table*, se o sentido for de «tabela», dependendo do nível do público-alvo que vai utilizar o glossário técnico, esse termo certamente será incluído.

Os campos semânticos estão dispostos hierarquicamente, dos mais genéricos para os mais específicos. A palavra genérica é chamada **hiperônimo** e a específica **hipônimo** (Baker 1992, 47). Os campos semânticos não são fixos, encontram-se em constante evolução, com a constante introdução e eliminação de termos. Por essa razão, os glossários também não devem ser textos estáticos e eternos, como muitos querem acreditar. Os glossários envelhecem, sofrem desgaste e tornam-se desatualizados e, por isso, devem ser ampliados, inovados e atualizados periodicamente.

### 5. 3. Adequação ao público-alvo

A qualidade do texto final também irá depender da harmonia entre os verbetes. Cada novo verbete somente deverá ser acrescentado se tiver uma razão de ser, se for pertinente; caso contrário, estaremos como que guardando uma pasta na gaveta errada do arquivo, a qual jamais será encontrada novamente. Acrescentar um verbete de Lingüística em um glossário de Medicina, por exemplo, nos parece algo totalmente injustificável, mesmo porque uma pessoa que procure a explicação de um termo de Lingüística jamais irá pensar em procurá-la em um glossário de termos médicos.

### 5. 4. Número de vocábulos

Os verbetes que irão integrar o glossário devem ser criteriosamente selecionados. Não devemos nos preocupar com **quantidade** (que será conseqüência natural de um trabalho árduo e de pesquisas constantes). O importante é alcançar a **qualidade máxima** de cada verbete. Muitas vezes, na qualidade de assistentes do conselho editorial de uma grande editora, somos chamadas a analisar a qualidade de textos candidatos à futura publicação. Nessas ocasiões, avaliamos todos os aspectos citados até o momento. Entre eles, um aspecto que mais vezes nos leva a optar pelo veto à publicação é perceber que o autor, na ânsia de aumentar o número de verbetes, ao invés de pesquisar mais ou de estudar mais o assunto, fez o que chamamos de «desdobramento» de verbetes, fazendo com que um mesmo verbete figure, desnecessariamente, em quatro ou cinco posições diferentes de um mesmo glossário. Outra estratégia facilmente perceptível é a chamada «multiplicação» de verbetes. Neste caso, o autor reproduz um mesmo verbete com diferentes adjetivos ou advérbios, conforme o caso, procurando ampliar o *corpus* artificialmente.

Como sempre dizemos a nossos alunos, leitores e ouvintes, o *corpus* deve ser ampliado a partir de pesquisas e de leituras («de fora para dentro»), por **adição**, e nunca por **subdivisão** ou por **multiplicação** («de dentro para fora»).

## 6. CONCLUSÕES

Com base nas informações acima, podemos concluir que um glossário, para ser considerado de boa qualidade, deverá ter as seguintes características:

- Textos estruturados de modo uniforme, englobando um campo semântico pré-determinado e bem delimitado;
- Verbetes completos, com exemplos extraídos de material autêntico, contendo ilustrações claras e elucidativas, quando necessárias;
- Informações sobre os diferentes significados de um mesmo vocábulo;
- Conteúdo atualizado e inovado periodicamente;
- Indicação clara do público-alvo;
- Verbetes significativos e representativos, independentemente de sua quantidade.

---

1 Reproduzido e adaptado sob permissão de: Ana Júlia Perrotti-Garcia. *Glossário de Ortodontia & Ortopedia Funcional dos Maxilares, Inglês-Português Português-Inglês Ilustrado*. Editora SBS: Brasil, 2003.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baker, Mona. In *Other Words: A Coursebook on Translation*. London: Routledge, 1992.

Bechara, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

*Blackwell's Summer Choice*. Reino Unido: Blackwell, 1996.

*English Language Teaching Catalog*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 2002.

*English Language Teaching Catalogue*. Oxford: Oxford University Press, 2000-2001.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

*Medical Publications Catalogue*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

*Medical Publishing Group Catalog*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1996.

*New Routes*. São Paulo: Disal, 2003.

*Password: English Dictionary for Speakers of Portuguese*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Perrotti-Garcia, Ana Julia. 2004. "Qualidades de Um Bom Glossário." [Em linha]. SBS – Livraria e Editora SBS

- Ministrado em 14 de Junho de 2004. Disponível em <<http://www.sbs.com.br/bin/etalk/index.asp?cod=871>>.
- , 2003. "Glossário: Como Elaborá-los? Como Publicá-los." [Em linha]. SBS – Livraria e Editora SBS – Ministrado em 27 de Outubro de 2003. Disponível em <<http://www.sbs.com.br/bin/etalk/index.asp?cod=833>>.
- , "A Importância dos Glossários Bilíngües para a Difusão do Português". In *Anais do 2.º Colóquio Anual Internacional da Lusofonia* promovido pela Sociedade da Língua Portuguesa, Bragança, PORTUGAL – de 7 a 8 de Novembro de 2003. Disponível em CD-ROM.
- , *Curso de Inglês Odontológico*. 3.ª ed. São Paulo: Editora Santos, 1998.
- , *Pequeno Dicionário Inglês-Português de Termos Odontológicos e de Especialidades Médicas*. 2.ª Edição. São Paulo: Editora Santos, 1999.
- , *Vocabulário para Odontologia – Inglês-Português / Português-Inglês*. São Paulo: SBS, 2003.
- , *Vocabulário para Ortodontia Et Ortopedia Funcional dos Maxilares – Inglês-Português / Português-Inglês*. São Paulo: SBS, 2003.
- e Sergio Jesus-Garcia. *Grande Dicionário Ilustrado Inglês-Português de Termos Odontológicos e de Especialidades Médicas*. São Paulo: Editora Atheneu, 2003.
- SBS Book Club*. São Paulo: SBS, 2003.
- SBS Book Club*. São Paulo: SBS, 2004.
- Science and Medicine New Books from Oxford*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- Severino, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21.ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- Störig, Hans Joachin. *A Aventura das Línguas: Uma Viagem através da História dos Idiomas do Mundo*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- The Oxford Dictionary of Thesaurus – American Edition*. New York: Oxford University Press, 1996.
- Vanoye, Francis. *Usos da Linguagem: Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- Veiga, Reginaldo da G. *Curso de Inglês Médico*. Guanabara: JBM, 1972.
- W.B. *Saunders New Books*. Kent: W.B.Saunders, 1995.